

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

CORONAVÍRUS

O RIO CONTRA A PANDEMIA

Entre as características que reforçam a admiração que tenho pelo Rio de Janeiro está a capacidade de nosso povo lidar com as adversidades sem abrir mão do otimismo e do bom humor. O carioca se une nas horas difíceis e sabe, mais do que ninguém, fazer dos limões que a vida tem lhe reservado, as limonadas mais saborosas e refrescantes. Essa característica, que se manifesta especialmente em situações de crise, será indispensável agora, quando o Rio mais uma vez tem diante de si um período de incertezas — desta vez provocado pela pandemia do coronavírus. Pelo perfil de sua economia, o Rio pagará pela epidemia um preço mais elevado do que outras metrópoles e, por mais otimista que seja, a população precisará de apoio para manter a resiliência neste momento.

Para começar, o turismo, uma fonte vital de geração de renda da cidade, foi atingido em cheio pelas medidas (todas necessárias) de contenção da epidemia. Num momento em que as aglomerações devem ser evitadas e até o trânsito de moradores pelas ruas tem que ser reduzido, o comércio formal e o informal, que é especialmente ativo na cidade, perderá sua renda por falta de fregueses.

EFEITO TSUNAMI

O que está acontecendo neste momento pode ser comparado a um tsunami: só depois que a água baixar é que se perceberá a dimensão do estrago. Isso não significa, porém, que não existam providências a ser tomadas agora, enquanto a água ainda está subindo. Elas funcionarão como boias de salvação e

ajudarão a reduzir os efeitos da crise sobretudo para a parte da população que não tem qualquer proteção oficial contra a crise. Pense, por exemplo, naquela pessoa que, depois de perder o emprego, passou a ganhar dinheiro com a venda de quentinhas à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. Sem fregueses para comprar sua mercadoria, de onde ele tirará sua renda?

Existe no Rio uma legião de trabalhadores formais e informais que dependem diretamente não só dos turistas, mas da circulação de pessoas pelas ruas. Com a restrição de movimentos, o cabeleireiro, por exemplo, ficará sem clientes, o garçom perderá o emprego por falta de fregueses e o motorista de aplicativo deixará de receber chamadas e terá, na melhor das hipóteses, menos dinheiro no bolso.

A pergunta é: como lidar com o



problema? Situações excepcionais exigem, é claro, soluções excepcionais e corajosas! Colocar comida nas mesas das famílias, neste momento, é mais importante do que buscar o equilíbrio das contas públicas. É preciso que as autoridades mostrem a cara e adotem medidas de proteção aos que mais sofrerão com os efeitos das medidas (necessárias, insisto) de contenção da pandemia. É imperativo que o governo federal permita e facilite que os estados e municípios se endividem para fazer frente às necessidades que estão por vir. Esta é apenas uma das medidas a serem tomadas neste momento.

RESPONSABILIDADE PELA CRISE

É necessário, por exemplo, criar um mecanismo que contabilize numa espécie de “Refis preventivo” os impostos que afetam o caixa das empresas e que vencerão nos próximos quatro meses. Adiar o vencimento dos tributos, das contas de água e luz, e de outras obrigações é necessário. Mas a medida deve vir acompanhada de um prazo mais alongado para o pagamento das obrigações.

É importante, ainda, encontrar mecanismos que garantam um mínimo de renda para as pessoas que ficarão sem receita nesses três ou quatro meses. O carioca — seja empresário, trabalhador formal ou informal — não quer saber se a responsabilidade pelo problema é federal, estadual ou municipal... O que ele quer é ver a situação resolvida para poder, tão logo seja possível, voltar a fazer o que mais sabe: acolher com bom humor os visitantes do Rio, que voltarão, e transformar sua alegria em fonte de renda.

OPINIÃO

O vírus da separação



Gabriel Chalita
professor e escritor

Deus sabe o sacrifício que fiz para me formar. Nasci em uma das franjas desta grande cidade onde só não falta amor. Explico. Sou filho único de uma mãe que não teve tempo de ver a passagem do engatinhar para os primeiros passos. Foi ela tão jovem. O que sei é o que meu pai conta, é o que vejo na foto já esmaecida, é o que imagino. Conto histórias da minha mãe como se as tivesse vivido. Meu pai não teve mais filhos. Ele se casou mais uma vez e, mais uma vez, enviou. Mora sozinho, hoje. Decisão dele. É ele bravo o suficiente para prosseguir como quer.

Minha história não é diferente de tantas que romperam a bolha da pobreza e alcançaram algum lugar. E como é difícil romper essa bolha. Desde sempre, quis ser médico. Imaginava que, se minha mãe tivesse um bom médico, não teria morrido. Imaginava muito

na minha orfandade doída de uma infância com pouca cor. Sozinho em casa, inventava personagens. Brincava de cuidar dos poucos bonecos que tinha. Explicava a eles o que fazer para sanar as doenças.

Meu pai trabalhava dirigindo ônibus. Despertava antes do dia e voltava extenuado para casa. Era bom o seu abraço da chegada. Na escola, riam de mim, quando eu dizia que

“Sim, há muitos que se ocupam da infeliz tarefa de tentar abortar os nossos sonhos”

seria médico. Sim, há muitos que se ocupam da infeliz tarefa de tentar abortar os nossos sonhos, antes deles nascerem. Fui forte o suficiente para não autorizar. E prossegui. Lembrando as tantas mães que, prematuramente, partiam sem ter um médico para lhes devolver um pouco de vida, para lhes conceder o privilégio de ver os primeiros passos dos seus filhos.

A mulher com que meu pai se ca-

sou não concordava comigo. Dizia que é Deus que decide o dia que as pessoas morrem e que médico nenhum pode interferir nisso. O Deus que eu acreditava desde criança era diferente do Deus dela. O Deus que acredito é o que nos criou inteligentes e livres para que fizéssemos a nossa parte. Fiz a minha e, com os pés ousados, passei no vestibular da faculdade de medicina. Com as mãos corajosas, recebi o diploma de médico alguns anos depois e, com os olhos fitos na generosidade, comecei a salvar vidas.

Meu pai, meu bom José, acompanhou tudo. E chorou o choro dos que cultivam a esperança. Nunca me desestimulou. Sonhou comigo. Riu comigo das minhas invenções infantis. Chorou as minhas dores de medo. Abraçou os meus sofrimentos, mesmo cansado dos seus. Ainda hoje, fala de mim com olhos marejados: “Meu filho é um médico, um doutor”. E lasca histórias e mais histórias que gosto de contar para ele das vidas que salvo. Moramos na mesma rua. Pude comprar uma casa para mim e outra para ele. Ganho mais do que o necessário para termos uma vida com os confortos materiais de que

precisamos. Mas o que me desconforta, hoje, é um vírus. Um vírus da separação. Cuido de tantos e não posso beijar o meu pai. Aperto tantas mãos e as mãos mais preciosas que, por primeiro me ensinaram a caminhar, estão sozinhas.

Prudentemente, deu ele férias à mulher que o ajuda. Melhor que ela fique em casa com os seus. Consegui lhe explicar como se usa o vídeo do celular. E assim temos feito. Acordamos cedo, os dois. Arrumo um café como posso, e ele faz o mesmo. Pelo celular, nos vemos e conversamos. Ele se perde, às vezes, e nos perdemos

“Ganho mais do que o necessário para termos uma vida com confortos materiais”

de ver. Eu explico. Com prazer. Quantas vezes esse homem me explicou a bondade na minha vida?! Coloco uma música ao fundo e sorvemos a quietura do café. E a conversa amorosa entre pai e filho.

O dia, gasto no hospital. Ele me espera à noite para nos vermos como nos é permitido pela prudência. Ontem, ele me perguntou quanto tempo esse vírus iria permanecer, me

mostrou suas preocupações com os que não têm como se cuidar. Chorou, lembrando o bairro pobre em que vivemos. Como estarão se ajeitando? Se pudesse pinçar uma qualidade do meu pai, do meu bom José, diria, “É um homem que pensa nos outros e que, com os outros, se importa”.

Expliquei que vamos sofrer, mas que vamos vencer mais essa dor. Ele, levando a mão ao coração, como se tentasse abafar o seu medo, pediu que eu tomasse cuidado, que eu era tudo o que ele tinha. E chorou. E, sem que eu antes respondesse, prosseguiu dizendo que Deus protege quem aos outros protege.

Acreditamos, ele e eu, no mesmo Deus. No que respeita as escolhas dos homens, mas que os ilumina quando se abrem para a sua luz.

Que a escuridão da separação, do confinamento, ajude as pessoas a caminharem dentro delas mesmas. Caminhos difíceis de serem percorridos. A preguiça esconde o belo. E que, quando novamente pudermos dar as mãos, saibamos valorizar o prazer do caminhar acompanhados.

Dia 19, dia de São José, meu pai fez aniversário. Pela primeira vez, não nos abraçamos. Nossa festa foi nos sentimentos. É assim que tem que ser. O amor é responsável.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

PRESIDENTE
Luiz Alberto Albuquerque

DIRETORA DE REDAÇÃO
Carla Alves

EDITOR-CHEFE
Alexandre Medeiros

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000, Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica **Gerência Industrial:** 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 98112-2227.

Promoções: promocoess@odia.com.br

Classificados: 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.
Editora ODIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2ª andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

ODIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).